

A China atual e a tecnologia

O Estado de S. Paulo

THIAGO DE ARAGÃO

SOCIÓLOGO E MESTRE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, É DIRETOR DE ESTRATÉGIA DA ARKO ADVICE E ASSESSORA FUNDOS ESTRANGEIROS

Em 1982, o então presidente Deng Xiaoping disse que, para que a China acelerasse sua modernização, o modo de pensar os negócios teria de conter pouco pensamento comunista clássico e muito pensamento regulatório.

Impossível dizer se essa visão de Deng Xiaoping foi incorporada de uma forma decisiva ao processo de desenvolvimento econômico, mas vimos durante muito tempo esse formato de desenvolvimento aplacando a ansiedade americana de que a China seguiria o rumo da União Soviética.

Por mais que os Estados Unidos acreditassem que o “capitalismo” chinês levasse a um ambiente mais favorável à democracia, não foi o que vimos nos últimos anos.

Pequim começou uma série de ações ostensivas contra algumas empresas de tecnologia, aumentando sua intervenção e diminuindo a autonomia dessas empresas ao operar fora do país, o que gerou um ambiente de incertezas para o investidor estrangeiro, principalmente o americano, e levou o Securities Exchange Committee (SEC) a rever a forma pela qual determinadas empresas chinesas ingressam na Bolsa de Nova York.

A empresa Didi, dona da 99Taxis no Brasil, por exemplo, foi questionada e multada pelo governo chinês por conta do seu manuseio de dados, o que resultou para ela em perda de valor de mercado em NY e o aumento de volatilidade de empresas de tecnologia chinesas listadas nos EUA.

Naturalmente a SEC não gostou, já que entende que o Partido Comunista Chinês trouxe um elemento de instabilidade e risco para essas empresas que não pode ser monitorado de forma aberta por investidores.

Pequim está tomando medidas e adotando comportamentos cada vez mais duros contra empresas de tecnologia. Um jornal estatal publicou artigo sobre como os jogos online se transformaram no “ópio dos jovens”. A matéria teve impacto na queda das ações da Tencent em NY.

A China não está habituada a ter a tecnologia como uma força motriz de sua economia. As últimas décadas foram baseadas no crescimento industrial de fabricação de bens.

A expansão chinesa na área de serviços oferece oportunidades enormes para o Partido, mas também traz riscos à sua própria existência. Entre as oportunidades, inclui-se a expansão de soft power tecnológico, com mecanismos que possibilitam acesso e coleta de dados, ocupado historicamente por uma faceta do mercado americano.

Entre os riscos, devemos enfatizar as dificuldades de controle que o Partido teria no monitoramento e na restrição de determinados dados, podendo levar a uma expansão de narrativas antigoverno dentro da própria China. As empresas chinesas de alto valor agregado são

consideradas um ativo estratégico para o governo. IPOS e as adaptações a que essas empresas teriam de proceder para se adequar aos regulamentos de mercado nos EUA e na Europa tendem a ser bons para as empresas (mais lucro) e ruins para o Partido (menor poder).

O governo chinês terá de optar entre ocupar um local de destaque no mercado tecnológico (se adequando às regras do mercado global) ou não perder o controle.

Núcleo de Inteligência - Sedet

Edição 201 - Em 19 de agosto de 2021

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.